



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE EXTENSÃO: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE GÊNERO NUMA PERSPECTIVA FEMINISTA DO GEGEF/IFBA BARREIRAS

Paula Vielmo

IFBA. paulavielmo@ifba.edu.br

Resumo: Este trabalho procede do Curso de Extensão “Introdução aos Estudos de Gênero numa Perspectiva Feminista”, realizado no segundo semestre de 2017, pelo Grupo de Estudos sobre Gênero numa Perspectiva Feminista (GEGEF), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras. Direcionado para professoras/es, estudantes de licenciaturas, estudantes da Educação Básica e demais pessoas interessadas na temática, o curso com duração de 30 horas, foi realizado em duas modalidades: seis encontros presenciais e pela plataforma de ensino virtual *Google Sala de Aula*, para estudos dirigidos, debates e disponibilização de materiais didáticos usados nos encontros. Adotou-se metodologias que estimulassem a participação, de modo que, as/os cursistas interagissem na construção do conhecimento, partindo de uma “Pedagogia Feminista”. Os encontros intitulados com trechos de músicas, visaram promover reflexões sobre conceitos fundamentais para compreender de maneira mais aprofundada as implicações culturais, políticas, éticas e científicas resultantes das desigualdades nas relações de gênero inerentes à sociedade sob domínio masculino. Esse artigo objetiva compartilhar a experiência pela autora na organização e desenvolvimento do curso, como também analisar as avaliações das/os cursistas ao final, através de uma abordagem qualitativa, pautada nas epistemologias feministas. Destacamos a produção de trabalhos pelas/os cursistas, atendendo os objetivos propostos de maneira criativa. Além disso, concluímos que o curso foi relevante para o contexto social e educacional de nosso município, sobretudo após a aprovação do Plano Municipal de Educação (2016) que retirou explicitamente o debate das relações de gênero, sendo um tema emergente e urgente.

Palavras-chave: Feminismo, Estudos de gênero, Extensão, GEGEF.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Como tudo começou: introdução

Em 2016, o Grupo de Estudos sobre Gênero numa Perspectiva Feminista (GEGEF) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras acompanhou e participou de atividades no município com vistas a esclarecer legisladores/as e população acerca da importância de trabalhar as relações de gênero na escola. Apesar de qualquer menção ao termo gênero ter sido retirado do Plano Municipal de Educação, havia e há necessidade de formação no campo dos estudos de gênero, sobretudo para educadoras e educadores.

No segundo semestre de 2017, o GEGEF promoveu o Curso de Extensão “Introdução aos Estudos de Gênero numa Perspectiva Feminista”

diante de recorrentes convites para tratar da temática em atividades e eventos dentro e fora do IFBA, tendo sido diagnosticada a necessidade de aprofundamento acerca da temática, objetivando desmistificar os equívocos e distorções quando se trata dos estudos de gênero. Assim, o GEGEF em parceria com a linha de pesquisa Educação, gênero e sexualidade se propõe a realizar um curso de extensão que contemple discussões sobre questões relacionadas à condição feminina na sociedade, no sentido de compreender como as desigualdades de gênero promovem a subalternização das mulheres nos diferentes contextos. (GEGEF, 2017)

O curso proposto teve como objetivo geral promover reflexões sobre conceitos

fundamentais para compreender de maneira mais aprofundada as implicações culturais, políticas, éticas e científicas resultantes da desigualdade nas relações de gênero inerente à sociedade que predomina o domínio masculino e como objetivos específicos 1) compreender conceitos básicos para os Estudos Feministas e Estudos de Gênero: gênero, sexualidades, masculinidades, feminilidades; 2) conhecer as diversas concepções teóricas do movimento feminista; 3) confrontar a epistemologia feminista com os princípios da ciência positivista; 4) compreender como ocorrem as relações de gênero no ambiente escolar e 5) refletir sobre os princípios que norteiam a ética feminista.

Partindo do fato de compor o GEGEF, ter sido uma das organizadoras do curso e mediadora em dois encontros, objetivo com este artigo compartilhar a experiência na organização e desenvolvimento do curso e analisar as avaliações das/os cursistas ao final, através de uma abordagem qualitativa, pautada nas epistemologias feministas. Para tal inicialmente será apresentado o caminho do curso, ou seja, a metodologia da experiência. Em seguida, apresento a discussão de cada momento, a partir dos encontros intitulados com trechos de músicas e a produção das/os cursistas. Por fim, analiso a avaliação do curso realizada pelas/os



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cursistas/os e as conclusões da experiência deste primeiro curso de extensão realizado por nós, no campo dos estudos de gênero.

Este trabalho se fundamenta, nas palavras de Marlise Matos (2008, p.334) no campo dos estudos de gênero e feminista, um campo de saber de “caráter crítico-reflexivo radical à condição de subordinação, opressão e subalternização das mulheres”, um campo com “viés emancipatório”, teorias que absorvem substantivamente a categoria gênero, trazendo-o para “uma posição de pivô e de destaque”.

Ainda que passível de re-interpretações não feministas, o “conceito” de gênero deve e será retomado aqui numa perspectiva emancipatória (e, portanto, feminista) para as mulheres e até mesmo para as ciências (MATOS, 2008, p. 338-339). Para Joan Scott (1995), gênero é um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” implicando em quatro elementos: 1) os símbolos culturais; 2) as normas de interpretação dos símbolos; 3) organização social e 4) identidade subjetiva. Estes elementos operam juntos nas relações sociais.

O caminho: metodologia da experiência

Direcionado à professoras/es, estudantes de licenciaturas, estudantes da Educação Básica e demais pessoas interessadas na temática. Foram disponibilizadas sessenta vagas e o curso teve carga horária de trinta horas, sendo realizado em duas modalidades: seis encontros presenciais com duração de três horas e meia cada, e a utilização da plataforma de ensino virtual *Google Sala de Aula* abarcando as nove horas restantes por meio de estudos dirigidos. A plataforma também foi utilizada para debates e disponibilização de materiais didáticos usados nos encontros, ocorridos mensalmente entre julho e novembro de 2017, no IFBA/ Campus Barreiras, porém em novembro sucederam dois encontros.

O curso foi divulgado através do site institucional do Campus; *fanpage* do GEGEF e grupos de *whatsapp*, tendo uma grande procura. As inscrições aconteceram entre 03 e 15 de julho de 2017 pelo site www.gegefifba.clivre.com.br, na plataforma de certificação gratuita e de gerenciamento de eventos: certificado livre, totalizando 64 pessoas inscritas, segundo o Relatório de inscritos no Evento, gerado em 13/09/17. Porém, houve evasão ao longo do curso, sendo finalizado com 18 pessoas. Destas concluintes, 12 responderam o formulário de avaliação, disponibilizado no *Google docs*.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A elaboração do curso foi coletiva e horizontal, através de encontros e conversas virtuais entre a equipe do curso e do GEGEF, constituída por Elisama Carvalho dos Santos, Meirielen Aparecida Gomes Freiras, Naianny Almeida Pacheco, Paula Vielmo, Shirley Pimentel de Souza e Tânia de Souza Lima, todas servidoras do IFBA/ Campus Barreiras, contando com a parceria da Universidade Federal do Oeste da Bahia, através da Professora Tânia Kunhen que mediou o 5º encontro.

Os estudos de gênero “tem tido o papel fundamental nas ciências humanas de denunciar e desmascarar ainda as estruturas modernas de muita opressão colonial, econômica, geracional, racista e sexista” (MATOS, 2008, p. 336). Cientes deste papel, o curso foi desenvolvido por meio dos seguintes procedimentos: construção do projeto; envio à Coordenação de Extensão do Campus; divulgação; realização das inscrições; comunicado às pessoas inscritas via e-mail sobre o início do curso; realização dos encontros presenciais, debates virtuais na plataforma *Google Sala de Aula* e criação de grupo no *WhatsApp* (que permanece até hoje), finalização do curso com apresentação de produção das/os cursistas, avaliação do curso pelas cursistas e organizadoras e emissão de certificados. Durante todo o percurso, pautou-

se no fato de que os estudos de gênero é um campo de estudo marcadamente engajado, dirigido para análise e intervenção social (LOURO, 2011, p. 161).

Procurou-se adotar no decorrer do curso, metodologias que estimulassem a participação, de modo que, as/os cursistas interagissem na construção do conhecimento, partindo de uma Pedagogia Feminista, definida por Cecília Sardenberg (2005) como

o conjunto de princípios e práticas que objetivam conscientizar indivíduos, tanto homens quanto mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e, assim, atuarem de modo que construam a equidade entre os sexos (SARDENBERG, 2005, p. 13)

A Pedagogia Feminista propicia a conscientização quanto às condições de opressão em que vivem as mulheres e mesmo a escola ensinando desigualdades de gênero, pode e deve ser também ser transformadora dessas desigualdades ou “é a consciência crítica feminista, uma forma peculiar de existência reflexiva do ser” (MATOS, 2008).

Os encontros foram intitulados com trechos de músicas e as/os cursistas eram recebida/os com vídeo da música que intitulava o encontro, projetado em um ambiente que buscava ser agradável, através de música, cantinho com lanchinho e ornamentação (toalha lilás na mesa, símbolo feminista pintado em papel e adesivos da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

campanha “Respeita as Mina”, da Secretaria de Política para as Mulheres da Bahia).

Após cada encontro, uma questão era postada na Plataforma *Google Sala de Aula* e deveria ser respondida baseada no referencial teórico do encontro e com um prazo negociado com a turma, em torno de um mês. A flexibilidade e diálogo foram elementos presentes durante o curso, pressupostos da Pedagogia Crítica que fundamenta a Pedagogia Feminista, muito pautada nos ensinamentos de Paulo Freire. Ele, aliás, em Pedagogia da Autonomia, apresenta diversos elementos que dialogam com as epistemologias feministas por meio do que intitula saberes indispensáveis à prática educativa (FREIRE, 1996).

Afinal, o que aconteceu? Resultados e discussão

Os encontros foram intitulados com trechos de músicas ao invés de temas, visando promover reflexões sobre conceitos fundamentais para compreender de maneira mais aprofundada as implicações culturais, políticas, éticas e científicas resultantes das desigualdades nas relações de gênero inerentes à sociedade sob domínio masculino, mas de modo lúdico. Análise a seguir cada um dos seis encontros, intitulados: “Ser um homem feminino, não fere o seu lado

masculino”; “Todas as mulheres do mundo”; “Meu buraco é mais em cima”; “Ela foi educada pra cuidar e servir”; “Moças em todo o mundo, escutem / Estamos à procura de recrutas” e Socialização de produções e encerramento do curso. Apesar da grande procura e da evasão esperada, considero que houve uma evasão maior do que prevista, ainda no primeiro encontro, quando 65,6% de inscritas/os não compareceram. Isso requer entender os motivos que levaram a inscrição e não frequência. Algumas pessoas que abandonaram durante o curso justificaram em virtude de dificuldades para conciliar trabalho com o curso, porém seria interessante investigar os motivos de cada cursista.

1º encontro: “Ser um homem feminino, não fere o seu lado masculino” (Pepeu Gomes)

Trecho da música “Masculino e feminino, cantada por Pepeu Gomes intitula o primeiro encontro em 27/07/2017, que buscou compreender conceitos básicos para os Estudos Feministas e Estudos de Gênero, como gênero, sexualidades, masculinidades e feminilidades. Tal encontro contou com a presença de 21 pessoas, recepcionadas com boas vindas da organização e material do curso, constituído de uma bolsinha personalizada, um caderno com adesivo, uma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

caneta e um marcador de página com o cronograma dos encontros.

Esta primeira atividade foi mediada pela Professora de Filosofia e membro do GEGEF Naianny Pacheco e pelo Professor de História Diego Carvalho, ambos do IFBA. Diego discutiu sexualidade a partir das ideias de Michel Foucault e do artigo “Uma introdução ao estudo do Dispositivo de Sexualidade, a partir da leitura da obra “Historia da Sexualidade – A vontade de saber” de Michel Foucault, de autoria de Maria Camila Gabriele, Mariana Alves de Oliveira e Rebecca Holanda Arrais e em seguida, Naianny apresentou a concepção de gênero dentro dos estudos de gênero feministas e buscou desconstruir a masculinidade e a feminilidade, sobretudo a “desconstrução de binarismos estéreis que facultam lugares fixos e naturalizados para os gêneros” (MATOS, 2008, p. 336). Sua exposição fundamentou-se principalmente na obra “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” (1997), de Guacira Lopes Louro. Foi um encontro em que as/os cursistas fizeram poucas intervenções, porém ficaram atentas/os e avaliaram o encontro como 100% ótimo.

A questão deste encontro, postada na plataforma virtual, provocava a pensar “como os conceitos de gênero e sexualidade,

tradicionalmente aceitos e difundidos, vêm sendo desconstruídos e problematizados na atualidade?”. Dentre as quinze respostas, percebeu-se a compreensão dos conceitos trabalhados, por meio de uma posição crítica, trazendo elementos em relação à sociedade e algumas instituições, tais como família e escola, abrindo espaço para compreender conforme Guacira Louro (2011) que a escola não apenas reproduz concepções de gênero e sexualidade, mas também as produz.

2º encontro: “Todas as mulheres do mundo” (Rita Lee)

Rita Lee através da música “Todas as mulheres do mundo” abre o segundo encontro em 17/08/2017, cujo objetivo foi conhecer as diversas concepções teóricas do movimento feminista, sob mediação das membras do GEGEF, a Pedagoga Paula Vielmo e a Professora de Espanhol Tânia Lima, com a presença de 10 cursistas.

Nesta encontro, inicialmente ocorreu uma dinâmica de apresentação, sob minha mediação, em que as/os cursistas disseram nome, profissão e “o que a palavra feminismo te lembra?”. Foi muito interessante do ponto de vista das respostas e o sentimento de buscar conhecer mais sobre o assunto era o que movia a maioria das pessoas ao curso.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Neste encontro, abordei brevemente acerca do histórico da organização do movimento feminista, pautado no artigo “O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política” (2005), de Ana Alice Alcântara Costa e dos livros “O que é feminismo?” (1985) de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy e “Breve História do Feminismo no Brasil” (1993), de Maria Amélia de Almeida Teles. Em seguida, abordei Feminismo Liberal, Feminismo Socialista e as três ondas; em seguida Tânia falou sobre Feminismo Negro e Feminismo Interseccional, pautada nos artigos “Feminismo negro para um novo marco civilizatório” (2016) de Djamila Ribeiro e “enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” (2011) de Sueli Carneiro.

Neste encontro orientamos acerca do funcionamento da plataforma virtual e percebemos uma lacuna pedagógica a partir da reivindicação das/os cursistas de que os materiais fossem disponibilizados para leitura prévia. Foi um encontro participativo em termos de intervenções das/os presentes, quase não sendo possível concluir as temáticas da noite e avaliado como 100% ótimo. Como atividade *online*, havia a pergunta: “diante das discussões sobre os

feminismos, qual abordagem você considera mais adequada para o processo de transformação da condição da mulher na sociedade atual, sobretudo, no contexto brasileiro?”, respondido por oito pessoas, que sinalizaram maior afinidade com o Feminismo Negro.

3º encontro: “Meu buraco é mais em cima” (Rita Lee)

Em 21/09/2017, o terceiro encontro, com 18 presentes procurou confrontar a epistemologia feminista com os princípios da ciência positivista.

Sob mediação da Professora de Filosofia e membro do GEGEF Naianny Pacheco, intitulado com trecho da música “Pagu” de Rita Lee. Foi o primeiro encontro com material disponibilizado antecipadamente, oportunizando leitura prévia dos três artigos selecionados pela professora: “Epistemologia feminista, gênero e história” (2000) de Margareth Rago, “Gênero, democracia e filosofia da ciência” (2007) de Sandra Harding e “Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna” (1998), de Lucía Tosi.

O foco da discussão foi na construção da ciência e invisibilidade da participação das mulheres. Para Marlise Matos (2008, p. 335), o movimento feminista a partir do século XX altera “o modo de se perceber o conheci-



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mento”. Dessa maneira, não se trata de um olhar de gênero sobre a ciência, mas de uma ciência feminista. A mesma autora afirma que “o sistema clássico cartesiano e instrumental de racionalidade é inadequado, obsoleto e até auto-ilusório, devendo, portanto, ser revisto” (MATOS, 2008, p. 344).

Considero que foi um encontro instigante, avaliado como ótimo por 75% das cursistas e como bom por 25% das cursistas. A atividade na plataforma virtual pedia: “a partir da leitura dos textos, discuta a seguinte questão proposta pela Sandra Harding: ‘como uma estrutura social sexista na ciência e na sociedade produz os padrões de conhecimento e de ignorância das ciências modernas?’”, tendo sete respostas que versavam sobre a exclusão histórica da mulher como cientistas.

4º encontro: “Ela foi educada pra cuidar e servir” (Pitty)

Desconstruindo Amélia, cantada por Pitty traz trecho intitulado o 4º encontro, ocorrido em 19/10/2017, com a participação de 17 pessoas, buscou compreender como ocorrem as relações de gênero no ambiente escolar, mediado por mim. Para os estudos feministas, não é problema ser parte do processo, pelo contrário, as contribuições destes estudos consiste em “reconhecer que os

comportamentos, as crenças, as representações das/os pesquisadoras/es feministas interferem nos resultados de suas pesquisas – da mesma forma que interferem as de *qualquer* pesquisador ou pesquisadora” (LOURO, 2011, p. 158), combatendo a suposta neutralidade científica.

Este encontro foi interessante primeiramente porque trouxe à tona memórias das/os cursistas tanto de suas trajetórias escolares/ acadêmicas, quanto das práticas pedagógicas de quem é docente, alcançando o que objetiva a Pedagogia Feminista nas palavras de Guacira Louro (2011): “conscientização”, “libertação” e “transformação” dos sujeitos e da sociedade.

O foco deste encontro na educação escolar entende conforme Nilma Lino Gomes (1996), a escola como um espaço que interfere na construção das identidades, onde as contradições e conflitos estão presentes nas relações entre educadoras/es e educandas/os ou nas palavras de Guacira Louro (2011), a escola entende de “diferenças, distinções e desigualdades” e as produz.

Foram utilizados slides, vídeos, provocações para instigar a participação das/os presentes, usando como textos base: “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” (2011) de Guacira Lopes Louro (1997), já utilizado no



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

primeiro encontro e o “Ensino e gênero: perspectivas transversais” (2008), organizado por Ana Alice Alcântara Costa, Alexnaldo Teixeira Rodrigues e Iole Macedo Vanin, com ênfase no “capítulo I – considerações introdutórias às Pedagogias feministas”, de Cecília M.B. Sardenberg.

Para 81,8% das/os cursistas este encontro foi ótimo e para 18,2% bom. Sobre a tarefa na plataforma, respondida por sete pessoas, que perguntava: “considerando as leituras (de mundo e dos textos), os debates durante o encontro e sua experiência no campo da educação formal, seja como estudante ou professor/a, qual a importância social de implementar uma educação em gênero nas escolas e universidades?”, as respostas traziam a relevância de que a inclusão do debate de gênero nas escolas contribui para a transformação social no sentido de combater as desigualdades.

5º encontro: “Moças em todo o mundo, escutem / Estamos à procura de recrutas” (Little Mix)

O último encontro temático foi mediado pela Professora Tânia Kunhen no dia 09/11/2017, sob trecho da música “*Salute*”, da banda britânica *Little Mix*, procurando refletir sobre os princípios que norteiam a ética feminista, contando com oito presentes.

Avaliado como ótimo (80%) e bom (20%), este encontro foi subsidiado teoricamente por dois artigos de autoria da mediadora: “A ética do cuidado como alternativa à ética de princípios: divergências entre Carol Gilligan e Nel Noddings” (2010) e “A ética do cuidado como teoria feminista” (2014), cujo conteúdo trouxe elementos desconhecidos para muitas/os cursistas, conforme comentários durante o curso.

Na plataforma virtual postou-se a seguinte questão: “a partir do tema abordado na seguinte reportagem, discuta criticamente o papel da ética e das políticas do cuidado para a transformação das relações tradicionais de gênero na família: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,de-dicar-tempo-a-familia-nao-pode-ser-borrao-no-curriculo,70002081292>”, porém nenhuma tarefa foi realizada. Não é possível precisar as razões, mas acredito ser em virtude de que o link estava indisponível somente após treze dias o link foi substituído por uma das organizadoras, sendo que nesse período o curso estava caminhando para o último encontro, em que seriam socializadas as produções finais.

Socialização de produções e encerramento do curso



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

No dia 12/11/2017 postou-se orientações para a produção final, afirmando que as/os estudantes deveriam produzir uma reflexão envolvendo as temáticas discutidas nos encontros, a ser materializada na forma de uma produção escrita, audiovisual ou fotográfica, individualmente ou em dupla.

Além disso, foi estabelecido o prazo até 17/11/2017 para definição e postagem na plataforma de uma “breve apresentação da proposta de produção, identificando os seguintes aspectos: Estudante (s); Tipo de produção; Tema; Resumo da proposta”. Por fim, foram elencados “parâmetros norteadores sobre as possibilidades de produção”, a saber:

Produção escrita: os textos deverão ser entregues na íntegra através da Plataforma *Classroom* e apresentados no último encontro (sugere-se utilizar slides). (Limite de páginas: 4 laudas). Ensaio - texto opinativo expondo ideias, críticas, reflexões e impressões pessoais, realizando uma avaliação sobre o tema, bem como possíveis proposições.

Narrativa – construção de uma narração de acontecimentos reais ou fictícios, retratando situações que contribuam para a reflexão de questões de gênero nos diversos contextos da sociedade. Neste tipo de texto, o uso de uma linguagem informal e metafórica é permitido.

Produção audiovisual: poderão ser produzidos na forma de documentário, animação, monólogo, entrevista, dramatização, dentre outras possibilidades discursivas. O que realmente é essencial é transmitir alguma reflexão sobre questões de gênero na sociedade (Limite de tempo: 10 minutos).

Exposição fotográfica/artística: produção/exposição de materiais visuais (fotografias, desenhos) que possibilitem reflexões sobre questões de gênero. A exposição poderá promover uma interação entre fotografia, desenhos, textos, por exemplo. (Orientações, 2017)

Chegamos ao último encontro do curso para a socialização das produções realizadas individualmente ou em dupla, ocorrido em 30/11/2017 com a presença de 11 cursistas. Considero o momento de maior riqueza, tanto pela materialização dos estudos quanto pela criatividade demonstrada. Essa percepção é compartilhada pelas/os cursistas ao avaliarem que 91,7% das produções finais foram ótimas e 8,3% boas.

Houve uma ampla diversidade de produções: documentário sobre quem não se encaixa no padrão de indivíduo de poder; exposição fotográfica de mulheres com autodeclarações, produção fotográfica lésbica, análise de letras de músicas, ensaio sobre gordofobia, fábula, performance teatral, respostas aos conselhos de Chimamanda, narrativa pessoal respondendo a pergunta “você é feminista?”.

Destaco dentre todas essas criativas produções, que abarcaram os conhecimentos construídos, também no curso de extensão, a fábula direcionada à Educação Infantil, pois naquele momento a fábula teve “uma marca mais política e profissional” (LOURO, 2011,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

p. 112) em que a moral da história passou a ser o potencial das mulheres e do gênero inferiorizado.

Além disso, a narrativa respondendo a pergunta “você é feminista?”, pois tal provocação foi feita por mim durante o segundo encontro e revelou um belo processo de autorreflexão e autoconhecimento, a partir da teoria feminista, pois a construção da consciência crítica de gênero, através de “um novo olhar” para o seu ser e estar no mundo como seres inseridos na dinâmica das relações sociais de gênero patriarcais que caracterizam nossa sociedade (SARDENBERG, 2008, p.19) requer exercício constante.

Avaliação das/os cursistas

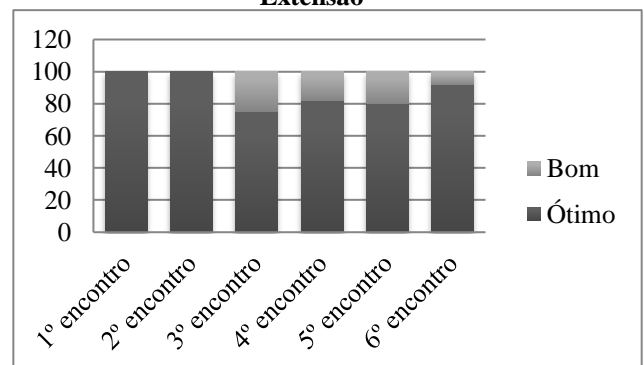
O formulário de avaliação continha 21 questões e avaliava divulgação, organização, interesse em uma segunda edição, dificuldades e possível desistência, expectativas alcançadas, distribuição da carga horária, instalações e recursos, material didático, aproveitamento no curso, aplicação dos conhecimentos, plataforma *classroom*, produções finais; avaliação de cada um dos cinco encontros temáticos, impactos do curso, sugestões de temas e espaço para outras opiniões e sugestões.

Os formulários não exigiam identificação e de modo geral, as avaliações foram bastante positivas, o que demonstra

elevado índice de satisfação com o curso de extensão, fato percebido durante o desenvolvimento do curso por parte de quem participou de todos ou da maioria dos encontros.

A divulgação para inscrição no curso foi ótima para 41,7%, boa para 33,3%, regular para 16,7% e ruim para 8,3%. As/os cursistas avaliaram a organização do curso de modo positivo: 91,7% considerou ótima e 8,3% boa. Todas as cursistas, ou seja, 100%, avaliaram que a carga horária foi bem distribuída, instalações e recursos foram adequados. Acerca do material didático, 66,7% consideraram satisfatório e 33,3% parcialmente satisfatório. 91,7% considerou o aproveitamento no curso bom e que poderá aplicar os conhecimentos construídos, enquanto 8,3% avaliaram que parcialmente.

Gráfico 1 – Avaliação de cada encontro do Curso de Extensão



Fonte: Formulário “Avaliação do Curso de Extensão – GEGEF” (2018)

Os encontros, incluindo a avaliação sobre as produções finais (6º encontro), foram



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

avaliados majoritariamente como ótimos, conforme demonstra o gráfico. Nenhum/a cursista avaliou como regular, ruim ou péssimo.

Perguntamos no questionário se houve alguma mudança de concepção a partir da participação no curso e solicitamos que em caso positivo, fosse informada qual teria sido a principal mudança. 50% responderam:

Tabela 1 – Mudanças de concepção a partir do curso de extensão

“Ao longo do curso eu fui me desconstruindo, percebendo no quanto eu ainda reproduzia machismo diariamente e comecei a me policiar quanto á isso. Me ajudou muito também a conhecer outras teóricas feministas e conhecer outros pontos de vistas. O melhor do curso eu acho que foram as produções finais que me emocionaram muito.”

“Definitivamente o curso foi significante para expandir meus conhecimentos sobre a perspectiva feminista e trouxe isso para minhas vivências.”

“Percepção mais ampla sobre o feminismo.”

“O reconhecimento da necessidade de descontração diária, a análise crítica (construtiva) das minhas falas, comportamento/ação.”

“Sim, com relação ao termo gênero, e termos relacionados a sexualidade q tinha muita dúvidas. Bem como o ser feminista.”

“Sim. O meu entendimento sobre a definição de Feminismos e o que é ser uma feminista.”

Fonte: Formulário “Avaliação do Curso de Extensão – GECEF” (2018)

As justificativas, mesmo que de poucas pessoas, demonstra a relevância da ação em termos formativos, de modo que a epistemologia feminista coloca em dúvida “a posição hegemônica do conhecimento produzido na chave burguesa e ocidental” (MATOS, 2008, p. 346), revelando a educação realmente como “uma forma de

intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98).

Por fim, 100% das/os cursistas disseram que têm interesse em uma segunda edição do curso, e aproveitamos para perguntar no formulário de avaliação, sugestões de temas para essa segunda edição, tendo sido sugerido temáticas por sete cursistas.

Tabela 2 – Sugestões de temas para a segunda edição do curso

Feminismo radical e as questões de gênero abordadas pela vertente.

O feminismo no campo do trabalho. A expressão de um patriarcalismo moderno nas opressões diárias, os assédios, o teto de vidro que dificulta a ascensão de carreira e todos esses aspectos que dificultam a vida da mulher no ambiente de trabalho.

Feminismo *trans*, representação feminina na política, o feminino e as religiões

Mulheres *trans*

Feminismo Negro, mulher indígena, mulher *trans*, mães universitárias, mulheres em espaços/cursos/profissões majoritariamente masculinas (a especificidades dessas mulheres).

Mulheres *trans* feministas (melhorem a ideia, grata), feminismo e Religião

Formas de discutir gênero na escola, principalmente na Educação Infantil e séries iniciais; o impacto das obrigações maternas na vida das mulheres; o real papel da paternidade.

Fonte: Formulário “Avaliação do Curso de Extensão – GECEF” (2018)

Percebo que há interesse em aprofundar ou debater outras temáticas que compõe tão vastamente o campo dos estudos de gênero e feministas. Em “espaço reservado para outras opiniões e sugestões”, dentre as três respostas, destaco:

Gostaria de parabenizar à toda equipe que organizou o curso e pedir que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

repensem o horário de início dos encontros, pois 18h acaba sendo inviável para muitas pessoas, principalmente para mulheres que têm filhos e precisam sair do trabalho e passar em casa para cumprir com as obrigações maternas.

Considero que essa cursistas trouxe um elemento importante para o cotidiano das mulheres e para os estudos de gênero que são as várias jornadas de trabalho, tais como trabalho produtivo e trabalho reprodutivo. Observe-se que ela trata do horário do curso e das implicações do mesmo ser realizado à noite. A priori o noturno parecia o melhor horário para as organizadoras e pensamos que para quem fosse realizar o curso, justamente por ser à noite, mas o horário de início às 18h30 precisa ser avaliado a partir da consideração em relação às mulheres e as “obrigações maternas”.

Ao final: conclusão

Enquanto objetivos do curso, acredito que foram alcançados, tendo em vista que foram promovidas diversas reflexões sobre conceitos fundamentais para compreender de maneira mais aprofundada as implicações culturais, políticas, éticas e científicas resultantes da desigualdade nas relações de gênero inerente à sociedade que predomina o domínio masculino, tanto nos encontros quanto na plataforma *Google Sala de Aula*. Além disso, a participação sobretudo na

plataforma virtual possibilitou perceber que foram compreendidos conceitos básicos para os Estudos Feministas e Estudos de Gênero, conheceram as diversas concepções teóricas do movimento feminista, pensaram acerca da ciência como um espaço historicamente masculino e (re) conheceram a epistemologia feminista como alternativa à ciência positivista; compreenderam como ocorrem as relações de gênero no ambiente escolar e o papel da escola como produtora, reprodutora e transformadora dessas relações e, por fim, refletiram sobre os princípios que norteiam a ética feminista, sempre embasadas em teoria feminista. Todavia, este recurso não foi de fácil uso por todas as cursistas, requerendo uma atenção sobre ambientação numa próxima iniciativa, além do que houve pouca interação. Procurei interagir com a turma no ambiente virtual de aprendizagem, fazendo considerações e questionamentos em algumas das respostas, porém com baixa adesão.

Ainda, ao longo do curso, apesar das tarefas e materiais disponibilizados na plataforma *online*, houve pouca interação entre as/os cursistas, bem como a maioria não realizou as atividades. Essa situação reflete na avaliação, onde 75% consideraram a experiência na plataforma *Classroom* significativa como recurso didático, porém 8,3% parcialmente e 16,7% não, ou seja, 25%



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

das respostas, uma porcentagem elevada e que merece atenção.

Gostei muito de ter realizado esse curso e realmente senti, sobretudo em relação às três professoras, que ele representou reflexões e em relação às práticas pedagógicas e no cotidiano familiar. O tempo todo as/os cursistas faziam referência aos espaços familiares e escolares. Todavia, uma lacuna que agora considero como grave, refere-se ao questionário de avaliação não ter deixado espaço para justificativa de cada resposta, o que possibilitaria identificar as falhas e melhorar numa próxima edição do curso de extensão.

Concluo que o curso foi relevante para o contexto social e educacional de nosso município, sobretudo após a aprovação do Plano Municipal de Educação (2016) que retirou explicitamente o debate das relações de gênero, sendo um tema emergente e urgente, necessário de ser tratado enquanto campo de conhecimento, portanto enquanto ciência. Destaco a produção de trabalhos pelas/os cursistas, atendendo os objetivos propostos de maneira criativa. O fato de 100% das/os cursistas demonstrarem interesse em uma segunda edição do curso também demonstra que foi relevante, além de que 91,7% disseram que suas expectativas em relação ao curso foram alcançadas.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEGEF. *Curso: Introdução aos Estudos de Gênero numa perspectiva feminista*. IFBA, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 6/7, p. 67-82, jan. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas de gênero e feministas se transformaram em um transformaram em um transformaram em um campo novo para as ciências para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008, p. 333-357. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/03.pdf>

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar _____. **Pedagogias feministas: uma introdução**. In: Projeto Gênero, raça e cidadania no combate à violência nas escolas. COSTA, Ana Alice Alcântara (org). Salvador: NEIM/UFBA, 2005, p. 13-20.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99.